



## Romance

Leia, a seguir, um trecho de uma obra representativa da literatura brasileira. Trata-se do primeiro capítulo do romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

O livro *Vidas secas* traz um olhar sobre uma dura realidade no Nordeste brasileiro, quando a seca era extrema e conduzia a população a um longo período de fome e miséria. Publicado em 1938, o romance conta a história de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar, de tempos em tempos, para áreas menos castigadas pela seca.

### Capítulo I – Mudança

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. A folhagem dos juazeiros apareceu longe, através dos galhos pelados da catinga rala.

Arrastaram-se para lá, devagar, Sinhá Vitória com o filho mais novo **escanchado no quarto** e o baú de folha na cabeça, Fabiano sombrio, **cambalo**, o **alô** a tiracolo, a cuja pendurada numa correia presa ao cinturão, a **espingarda de pedreira** no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás.

Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão.

– Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai.

[...]

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a ideia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, **irresoluto**, examinou os arredores. Sinhá Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto.

Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acocorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhia, os joelhos encostados no estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a Sinhá Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os

bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos. Sinhá Vitória aprovou esse arranjo, lançou de novo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis.

E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande.

Ausente do companheiro, a cachorra Baleia tomou a frente do grupo. Arqueada, as costelas à mostra, corria ofegando, a língua fora da boca. E de quando em quando se detinha, esperando as pessoas, que se retardavam.

**escanchado no quarto**: mentado no quarto

**cambalo**: pessoa que tem pernas arqueadas, trôpegas

**alô**: bolsa para cocô, feita de fibra

**espingarda de pedreira**

espingarda feita de pedra muito dura, que produz faíscas

**irresoluto**: hesitante, indeciso

Ainda na véspera eram seis vivos, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia juntara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto. Agora, enquanto parava, dirigia as pupilas brilhantes aos objetos familiares, estranhava não ver sobre o baú de folha a gaiola pequena onde a ave se equilibrava mal. Fabiano também às vezes sentia falta dela, mas logo a recordação chegava.

Tinha andado a procurar raízes, à toa: o resto da farinha acabara, não se ouvia um berro de **café** perdida na catinga. Sinhá Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, pensava em acontecimentos antigos que não se relacionavam: festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão. Despertara-a um grito áspero, vira de perto a realidade e o papagaio, que andava furioso, com os pés apalhetados, numa atitude ridícula. Resolvera de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que ele era mudo e inútil. Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas. O louro **abolava**, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra.

As manchas dos juazeiros tornaram a aparecer. Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos. As **alpercatas** dele estavam gastas nos saltos, e a **sombra** tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os calcanhares, duros como cascos, **gratavam-se** e sangravam.

Num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força.

Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira, chegaram aos juazeiros. Fazia tempo que não viam sombra.

Sinhá Vitória acomodou os filhos, que arriaram como trouxas, cobriu-os com **molambos**. O menino mais velho, passada a vertigem que o derrubara, encolhido sobre folhas secas, a cabeça encostada a uma raiz, adormecia, acordava. E quando abria os olhos, distinguia vagamente um monte próximo, algumas pedras, um carro de bois. A cachorra Baleia foi enroscar-se junto dele.

Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se finara e os moradores tinham fugido.

Fabiano procurou em vão perceber um toque de chocalho. Avizinhou-se da casa, bateu, tentou forçar a porta. Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral. Treposou-se no **mourão** do canto, examinou a catinga, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubas. Desceu, empurrou a porta da cozinha. Voltou desanimado, ficou um instante no copiar, fazendo **tenção** de hospedar ali a família. Mas chegando aos juazeiros, encontrou os meninos adormecidos e não quis acordá-los. Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou **costões** **na de macambira**, arrumou tudo para a fogueira.

rês: vaca, boi, touro.

aboiava: canto dos vaqueiros do sertão para chamar a boiada para o curral.

alpercatas: sandálias que se prendem ao pé por tiras de couro ou de pano.

erbira: árvore (ou arbusto) típica do Brasil.

gratavam-se: rasgavam-se em greças ou fendas, aberturas estreitas e compridas.

molambos: farrapos, trapos.

mourão: vara grossa em que se apoiam as estacas.

tenção: vontade, intenção, plano.

touceiras de macambira: moitas de bromélias.

Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as ventas, sentiu cheiro de **preá**, farejou um minuto, localizou-os no morro próximo e saiu correndo.

Fabiano seguiu-a com a vista e espantou-se: uma sombra passava por cima do monte. Tocou o braço da mulher, apontou o céu, ficaram os dois algum tempo aguentando a claridade do sol. Enxugaram as lágrimas, foram agachar-se perto dos filhos, suspirando, conservaram-se encolhidos, temendo que a nuvem se tivesse desfeito, vencida pelo azul terrível, aquele azul que deslumbrava e endoidecia a gente.

Entrava dia e saía dia. As noites cobriam a terra **de chofre**. A tampa anilada baixava, escurecia, quebrada apenas pelas vermelhidões do poente.

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores. O coração de Fabiano bateu junto do coração de Sinhá Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que os cobriam. Resistiram à fraqueza, afastaram-se envergonhados, sem ânimo de afrontar de novo a luz dura, receosos de perder a esperança que os alentava.

**preás** - pequenos rãdones parecidos com porquinhos-de-índia.  
**de chofre** - de repente.  
**amodorrando** - entregando-se ao sono.



Graciliano Ramos (1892-1953) escreveu romances, contos e crônicas, além de atuar como político e jornalista. Em *Vidas secas* (1938), romance de grande relevância na literatura brasileira, Graciliano retrata uma realidade do Nordeste, sua região natal. Em sua obra constam ainda memórias, cartas, livros infantojuvenis e traduções.

Um-se **amodorrando** e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinhá Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensanguentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo.

Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiar a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o céu com resolução. A nuvem tinha crescido, agora cobria o morro inteiro. Fabiano pisou com segurança, esquecendo as rachaduras que lhe estragavam os dedos e os calcanhares.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Record, 1996. p. 9-13. CING Licenciamentos/ Copyrights Consultoria ref. ao autor Graciliano Ramos

**1** Todo romance apresenta personagens, e cada um tem sua relevância na construção da narrativa. Leia as definições no quadro a seguir.

**Personagens** são seres criados por meio do texto narrativo. Em uma narrativa, pode haver três tipos de personagens:

- **Protagonista** - é o personagem principal, em torno do qual gira a trama.
- **Antagonista** - é aquele que se opõe diretamente ao protagonista, impedindo-o de alcançar seus desejos e objetivos.
- **Personagens secundários** - são aqueles que auxiliam na progressão da trama, relacionando-se direta ou indiretamente com o protagonista.



▶ Agora, para analisar os personagens que aparecem em *Vidas secas*, responda:

a) Que personagens aparecem nesse trecho do romance?

---

---

---

---

---

---

---

c) Que atitude afetiva eles mantêm entre si?

---

---

---

d) Classifique os personagens considerando os tipos: protagonista, antagonista e secundários.

---

---

---

2 Quando um dos filhos cai no chão e começa a chorar, o pai tem uma reação e, depois, muda de ideia. Esse comportamento indica quais características desse personagem?

---

---

---

---

3 O que aconteceu com o papagaio da família? Você concorda com a atitude da família com relação ao animal?

---

---

4 Qual foi a justificativa que Sinhá Vitória deu a si mesma para que o destino do papagaio fosse traçado? O que isso revela sobre a personagem?

---

---

---



- 5 São poucos os diálogos presentes nessa parte do romance. Analise os trechos que se seguem e, depois, responda às questões.

- I. "Sinhá Vitória estirou o beço indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto."
- II. "Sinhá Vitória aprovou esse arranjo, lançou de novo a interjeição gutural, designou os juazeiros invisíveis."
- III. "E a viagem prosseguiu, mais lenta, mais arrastada, num silêncio grande."
- IV. "[O papagaio] Não podia deixar de ser mudo. Ordinariamente a família falava pouco. E depois daquele desastre viviam todos calados, raramente soltavam palavras curtas. O louro aboiava, tangendo um gado inexistente, e latia arremedando a cachorra."

**Sons guturais:** sons roucos, graves ou profundos que provêm da garganta.

- a) O que significam os sons guturais emitidos por Sinhá Vitória? O que eles revelam sobre essa personagem nessa cena?

---



---

- b) Como você interpreta o silêncio dessa família?

---



---



---

- 6 Releia a seguinte passagem:

Miudinhos, perdidos no deserto queimado, os fugitivos agarraram-se, somaram as suas desgraças e os seus pavores.

- ▶ Nesse fragmento, o narrador é de  
 1ª pessoa.  3ª pessoa.

- 7 Analise o trecho e faça o que se pede.

Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos.

- a) Sublinhe, no trecho, as palavras que revelam o estado físico e psicológico dos personagens.  
 b) Em sua opinião, de que forma o narrador revela o que pensam e sofrem esses personagens?

---



---



---



---